
RELIGIÃO ENQUANTO SUBJETIVIDADE E TOTALIDADE EM
FRIEDRICH DANIEL ERNST SCHLEIERMACHER

RELIGION AS SUBJECTIVITY AND TOTALITY IN FRIEDRICH
DANIEL ERNST SCHLEIMACHER

Victor Nojosa de Oliveira¹

RESUMO

O contexto histórico em que Schleiermacher (1768-1834) escreveu *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*, foi marcado pela redução da religião a um corpo de doutrinas racionais e morais acerca de Deus e do mundo. Schleiermacher ressaltou que não se deveria descartar o coração humano e sua sede pelo Invisível. Nesse sentido, a religião deveria ser redescoberta no seu sentido elementar e os caminhos dessa busca não seriam encontrados nos dogmas, tampouco na reflexão humana. Educado nas escolas moravianas, que davam destaque ao aspecto interno do indivíduo, Schleiermacher desenvolveu sua subjetividade, tendo em vista que a educação moraviana não se fundamentava na transmissão de dogmas e, portanto, concebia que a religião não deveria ser ensinada, mas despertada.

Palavras-chave: Religião. Romantismo. Sentimento. Intuição.

ABSTRACT

The historical context in which Schleiermacher (1768-1834) wrote *On Religion: Discourses to Its Scholarly Despises* was marked by the reduction of religion to a body of rational and moral doctrines about God and the world. Schleiermacher stressed that the human heart and its thirst for the Invisible should not be dismissed. In this sense, religion should be rediscovered in its elementary sense and the paths for this search would not be found in dogmas, nor in human reflection. Educated in Moravian schools, which emphasized the internal aspect of the individual, Schleiermacher developed his subjectivity, considering that Moravian education was not based on the transmission of dogmas, therefore, religion should not be taught, but awakened.

Keywords: Religion. Romanticism. Feeling. Intuition.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: victor.nojosa7@gmail.com.

Introdução

A obra *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*, originalmente intitulada de *as Reden*, foi publicada em abril de 1799 e passou por três reedições: em 1806, em 1821 e, a última, em 1831. Esse escrito divide-se em cinco capítulos ou discursos. Primeiro discurso: *Apologia*; Segundo discurso: *Sobre a essência da religião*; Terceiro discurso: *Sobre a formação com vistas à religião*; Quarto discurso: *Sobre a sociabilidade na religião ou sobre a igreja e o sacerdócio*; Quinto discurso: *Sobre as religiões*. O problema central dos Discursos é a discussão acerca da essência da religião. Schleiermacher utiliza uma linguagem emotiva e romântica para ressaltar a questão do Infinito e do Universo. Essas instâncias colocaram o homem e a infinidade em íntima aliança e instauraram o processo orgânico de relação entre Deus-homem-mundo.

Schleiermacher estava diante de um denso debate teológico e filosófico em torno do conceito de religião que irrompeu em diversos movimentos. A cultura “esclarecida” havia pressuposto que a religião seria um empecilho para o progresso da humanidade. E não somente isto, a religião, segundo os interlocutores de Schleiermacher, que ele denomina na obra como *menosprezadores eruditos*, jazia nos escombros do passado e não tinha mais relevância para as demandas da razão e da ciência. Portanto, a intenção dos Discursos é apresentar uma concepção viva da relação indivíduo-mundo-Infinito. A preocupação de Schleiermacher é com a maneira pela qual o religioso toca a instância mais íntima do indivíduo.

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de Religião a partir do pensamento exegético de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher na obra *Sobre a Religião*. Este objeto é inseparável de suas premissas fundamentais, como a *concepção organicista do jogo contínuo de forças opostas*, o *Universo*, a *intuição*, o *sentimento* e a *autoconsciência imediata*. Essas proposições implicam na compreensão de uma fundamentação teórico-metodológica que busca definir a essência da religião.

Vida e obra

Na cidade de Bresalau, em 21 de novembro de 1768, nasceu Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, teólogo, filósofo e filólogo, que morreu na cidade de Berlim em

12 de fevereiro de 1834. Seus pais aderiram a teologia pietista em 1778. Nesse sentido, Schleiermacher foi educado em uma comunidade de morávios. Em 1783, seus pais mandaram, não somente ele, com quinze anos de idade, mas seu irmão, Carl, e sua irmã, Charlotte, para um internato morávio em Niesky. Em 1785, Schleiermacher ingressou em um curso teológico moraviano em Barby. Os estudos pietistas foram fundamentais para a consolidação de uma vida devocional e espiritual efervescente. O contato com a Teologia levou Schleiermacher a pôr sob reavaliação uma série de doutrinas ortodoxas: a expiação em Cristo, a divindade de Cristo, a sua morte com valor redentor, a expiação pelos pecados da humanidade, dentre outras.

Samuel Stubenrauch, tio de Schleiermacher, era professor em Hale. Provavelmente, por sua influência, Schleiermacher tenha se transferido para essa cidade, em 1787, com o propósito de dar continuidade aos seus estudos. Nesse período, o método histórico-crítico² estava se instaurando e se consolidando através da genialidade de Johann Salomo Semler (1725-1791). Nesse momento, havia uma reviravolta nas metodologias tradicionais e no modo de fazer ciência. O método Teológico tradicional, assim, não escapou de ser submetido às revisões, motivos pelos quais houve consensos e dissensos. Para além do debate entre Historicistas e Positivistas³, e da relevância de Semler nesse período, vale ressaltar o que disse o professor José D'Assunção Barros:

² Movimento que estabeleceu um método de interpretação da Bíblia harmonizado com os modelos paradigmáticos e científicos do período moderno. É notório que as influências da Reforma Protestante, do Renascimento Cultural e do Iluminismo racionalista, foram determinantes para a instauração do método histórico-crítico. Segundo Lopes, "Da Renascença, o método histórico-crítico absorveu a ênfase no humano em detrimento do divino. Do ceticismo francês, a dúvida como pressuposto dogmático e metodológico. E do Iluminismo, a razão em detrimento da revelação" (2005, p. 118). Johann Semler (1725-1791), considerado o pai do método histórico-crítico, contribuiu para a disseminação do secularismo na análise dos textos sagrados. O texto foi esvaziado do seu sentido metafísico e interpretado somente no âmbito da determinação histórica, ou seja, a Bíblia passou a ser concebida não como a revelação. A escritura sagrada foi definida como o testemunho de sujeitos que falaram sobre Deus.

³ Historicismo e Positivismo foram dois modelos que surgiram no século XIX. Foi nesse contexto, que a História foi sendo consolidada como ciência. Esses movimentos não somente levaram a profissionalização do historiador, bem como fundaram caminhos teóricos e metodológicos que elevou a figura do profissional ao status de cientista. Os positivistas, acreditam no desenvolvimento epistemológico análogo ao das ciências naturais, no sentido de ser possível um conhecimento objetivo. Podemos afirmar que os positivistas ainda pressupõem que haja Leis Gerais, em contraposição as particularidades, que determinam a contingência humana. A História é vista como um processo evolutivo. O Historicismo, privilegia os particularismos e as especificidades de cada história e não existe "Leis Gerais". Para uma análise mais detalhada sobre esses paradigmas confira (BARROS, 2011).

O sinal da autocrítica historiográfica já é visível em Johann Salomo Semler (1725-1791), um teólogo-historiador ligado a velha tradição da “história teológica” – esta corrente historiográfica, que teve o seu apogeu no século XVII, com Bossut (1682), mas que ainda se encontrará bem viva nos dois séculos seguintes. Semler queria aplicar um método histórico-crítico às ciências bíblicas, de modo a construir o que ele mesmo denominaria “teologia liberal” (*liberalis theologia*). Mas a sua notável contribuição para a história da historiografia foi o reconhecimento da necessidade de empreender permanentemente uma elaboração crítica da historiografia anterior, o que deveria ser feito pelos próprios historiadores. Para ele, a historiografia era parte da história, e isto porque as mudanças impostas pela própria sucessão de momentos históricos (“tempos históricos”) impunham que sempre surgissem novos historiadores, portadores de um novo olhar sobre os períodos anteriores ao seu Presente (BARROS, 2014, p. 119).

Schleiermacher notou que em Halle a possibilidade de expandir suas ideias e de pensar com mais liberdade era favorável. Outro dado importante para tanto foi a influência do sistema filosófico kantiano, direcionado por um de seus professores, chamado de Johann August Eberhard. Schleiermacher estudou a *Crítica da Razão Pura* (1781) e a *Prática* (1788). Nesse período, Schleiermacher escreveu sobre ética e responsabilidade moral, bem como sobre o valor da liberdade humana em um universo determinista.

Schleiermacher se formou em 1790 e logo depois de ser aprovado, foi recebido para o ministério reformado. Na Prússia, foi acolhido como Tutor da família do Conde Wilhelm Dohna. Em 1794, terminou sua tutela e, após mais um teste, se tornou pastor assistente durante dois anos em Landsberg. Nesse contexto, Schleiermacher entra em contato com as ideias Românticas por conta de sua relação com F. Schlegel e E. Herz. Ao retornar a Drossen, Schleiermacher passa a se relacionar com o pensamento de Benedictus Spinoza⁴. Em 1793-1794, ele escreveu dois ensaios: *Espinozismo* e *Breve apresentação do sistema spinozista*.

Em 1796, Schleiermacher foi capelão no hospital Charité onde foi provocado, pelos seus amigos ligados ao Romantismo, a reproduzir suas concepções acerca da essência da religião e sua ressonância na subjetividade humana. Foi nesse contexto

⁴ Na verdade, Schleiermacher recepcionou o pensamento de Spinoza de forma crítica. A religião é uma experiência primeira e não fruto de um fenômeno social. A religião não é originada na contingência humana. Ela é visceral e produtiva nos sujeitos. A liberdade foi crucial para a essência da religião em Schleiermacher, pois a religião não seria apropriada de forma coercitiva e autoritária, se assim fosse, estaria em risco a emancipação humana. Portanto, a religião se ancora na experiência, na expressão, no pensar, no agir (que são as atividades do espírito) e se liga ao infinito. Embora Spinoza tenha sido Panteísta, para Schleiermacher, por trás do panteísmo, ele era um ateu devoto e inundado pela religião (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 35-36, 74).

que surgiu a obra *Sobre Religião (Über die Religion, 1799)*. Na sequência, a obra *Monólogos (Monologen, 1800)*. Em 1802, Schleiermacher assumiu a igreja da Corte na Pomerânia e se tornou professor de Teologia, em 1805, na Universidade de Hale. Dentre as várias disciplinas que ministrou, a Hermenêutica foi crucial para lançar as bases do seu amadurecimento epistemológico. Também publicou a obra *Esboço de uma crítica das doutrinas éticas (herigen Grundlinien einer Kritik des bisherigen Sittenlehre, 1803)*. Outra contribuição de grande valia foi a tradução das obras de Platão, iniciada em 1803 e publicada entre 1804 e 1828, fruto da parceria com Schlegel.

Schleiermacher foi testemunha da dominação napoleônica na Prússia, em 1806. Por outro lado, se engajou, após a expulsão de Napoleão, com a reforma política que tinha como principal objetivo unificar a Alemanha. Em 1807, Schleiermacher retorna para Berlim, a convite de Humboldt, e contribui significativamente para a fundação da Universidade de Berlim, em 1809. Nesse mesmo ano, Schleiermacher casou com Henriette Von Willich. Ele construiu uma família composta por três filhas e um filho que faleceu quando tinha nove anos de idade. Nesse momento, ele assume a Igreja Trindade e lá permanece até a sua morte. Sua profícua atividade intelectual lhe rendeu a nomeação de conselheiro da educação e de professor, em 1810, bem como de reitor, em 1815.

Schleiermacher ensinou por vinte e quatro anos ao lado de nomes como Fichte (1810-14) e Hegel (1818-31). Publicou *A festa de natal (Die Weihnachtsfeier, 1806; 2ª ed., Berlim, 1826)* e *A fé cristã segundo os princípios da Igreja evangélica (Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche, 1822; 2ª ed., 1830-31)*. Essa obra foi dividida em dois volumes. A motivação da elaboração desse tratado teológico diz respeito ao objetivo do Imperador Friedrich Wilhelm III de unificar as igrejas Reformada e Luterana. Depois que o imperador tentou impor uma liturgia para fomentar a identidade eclesial das duas igrejas, Schleiermacher desenvolveu essa proposta. As igrejas foram unificadas em 1817. Esse laborioso trabalho foi reconhecido pelo Imperador, que condecorou Schleiermacher com *Roter Adleorden* (Ordem da Águia Vermelha).

Schleiermacher ainda contribuiu para o resgate dos estudos da filosofia clássica grega. Podemos elencar algumas monografias: *Heráclito, o obscuro de Ephesos* (1808); *Diógenes de Apolonia* (1814); *Sobre Anaximandro* (1815); *Sobre as*

obras éticas de Aristóteles (1817); *Sobre os comentários gregos à Ética a Nicômaco* e *Sobre o valor de Sócrates* (1819). Diversas outras obras manuscritas, foram publicadas pelos admiradores de Schleiermacher após sua morte.

Contexto histórico

O movimento Romântico⁵ desenvolveu uma resistência contra a supervalorização, bem como contra o exclusivismo da razão. A pretensão dos românticos era substituir o racionalismo pelo esteticismo. A razão deixou de ser a verdade central e suprema. Nesse contexto, a arte foi supervalorizada e buscou sua transcendência para além de axiomas explicáveis e argumentativos. Os pensamentos de Werther e Goethe e as proposições fundamentais de outros poetas românticos legaram para Schleiermacher as concepções humanistas que revolucionaram sua epistemologia. O resultado desse contato foi um profundo ardor pela natureza e pelo desenvolvimento de uma fé na providência divina e na condição humana, pois, segundo o ideário romântico, a humanidade estava progredindo em direção à perfeição. Vale mencionar o que disse James M. Sawyer:

Por essa época, ele foi apresentado ao movimento romântico, que surgiu como uma reação ao racionalismo crítico e analítico do século XVIII. O movimento romântico enfatizava a natureza intuitiva e sintética da razão humana, insistindo em que a verdade era adquirida quando se compreendia o todo, e não pela análise abstrata das partes. O programa teológico de Schleiermacher avançou com base em três premissas: 1) a crítica iluminista da ortodoxia dogmática protestante era válida; 2) a filosofia idealista romântica oferece um solo melhor para alicerçar a fé cristã que o racionalismo superficial do Iluminismo; 3) a teologia cristã pode ser interpretada nos termos do idealismo romântico e, assim, permitir a humanidade ser cristã sem deixar de ser intelectualmente honesta (SAWYER, 2009, p. 439).

⁵ Movimento que nasceu no final do século XVIII, na Alemanha. Houve, da parte dos românticos, certa tendência contra a supervalorização da razão disseminada pelos iluministas. A crítica se fundava no fato de que o encantamento do mundo e a relação da subjetividade com o sobrenatural, deveriam ser dimensões preservadas. O universo deveria ser analisado mesmo que algumas de suas instâncias pairassem sobre o inconsciente. O mundo não pode ser concebido objetivamente. A realidade é atravessada por variáveis e possibilidades. Daí a razão da complexidade do mundo enquanto instância orgânica. Para os românticos, a arte é o único caminho capaz de aguçar os elementos sensoriais e perceptivos, nesse sentido, o conhecimento é apropriado sem levar em consideração o parâmetro da lógica mecanicista. Os pioneiros e fundadores do movimento foram: os irmãos August e Friedrich Schlegel, Novalis, Schelling e Schleiermacher. Eles criaram a revista "Atheanum", em 1797. Na sequência, temos a presença marcante de Goethe e Schiller, grandes poetas e escritores. Na música, podemos mencionar os nomes dos compositores Beethoven e Brahms. Para uma maior imersão nessa discussão, confira a obra de (GUINSBURG, 1985).

Existe um consenso entre os pesquisadores de que o século XIX, na Europa, foi marcado por uma secularização desafiadora que solapou as bases das concepções tradicionais das religiões, especialmente o conceito de religião revelada. Foi a partir desse ambiente de contestação aos paradigmas metafísicos que Schleiermacher desenvolveu todo o seu arcabouço teórico. E com o movimento romântico, conforme já observado, que se posicionava contra o individualismo do Iluminismo, ele se esforçou para resgatar o sentido de organicidade e de comunidade. É preciso deixar claro que o fato de os românticos criticarem a razão como o único meio adequado para o exercício da análise não implicou em uma recusa plena da mesma. Na verdade, os românticos a reposicionaram como receptáculo da condição de possibilidade de expressabilidade da estética. Segundo Pelikan Jaroslav, diante desses embates, Schleiermacher apelou para que seus interlocutores estabelecessem a dialética necessária para a superação das análises céticas e superficiais:

O século XIX começou com um profundo e difundido senso de que “a descrença na religião revelada” (Clrdge. *Es.* 3.i. 1800 [Coburn 3-I:72]; Grnvg. Snd. Chr. [Bertrup 4:444-45]) passara a ser quase universal, pelo menos “entre as pessoas com educação formal” nas terras cristãs. Um pastor protestante alemão, “o nobre e dotado”, (Nvn. *Schf.* [Merc. 1:33, 44]) Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher – que logo se tornou por meio de sua teologia sistemática, *A fé cristã* (Mich Od. *Ev.* 1.2 [1865:38]), o mais influente e reverenciado teólogo protestante da reforma – acabara de lançar (anonimamente) a obra *On Religion: Addresses to the Cultures among Its Despisers* [Sobre a religião: discursos para o culto entre seus desdenhadores]. Schleiermacher, compartilhando a convicção de muitos de seus contemporâneos de que o ceticismo era “o problema da era” e “uma das pragas características da época” (Blms. *Escép.* 1 [Casanovas 5:245, 253]), pediu que seus céticos contemporâneos olhassem além das superficialidades da piedade convencional e dogma oficial, “voltassem-se de tudo considerado usualmente como religião e fixassem sua atenção nas emoções e disposições interiores” (Schl. *Rel.* [1806] 1 [Pünjer, p. 24]) e encontrassem no âmago dele mesmos a fonte de uma religião autêntica, que ainda estava ali, acima de tudo nas aspirações estéticas dele, a despeito de toda negação deles da igreja e sua piedade ortodoxa (Schl. *Rel.* [1799] 3 [Pünjer, p. 173]) (PELIKAN, 2016, p. 235).

Schleiermacher chama a atenção para as “emoções e disposições interiores”. Sua pretensão, nos *Discursos*, é propor que o Infinito poderia ser verificável no finito. Embora fosse romântico e valorizasse as instâncias da emoção e do sentimento, Schleiermacher visava estabelecer um equilíbrio para evitar a sujeição irracional ao

mero emocionalismo. Por outro lado, ele não lançou mão do racionalismo puro. Obviamente que esse propósito teria que estabelecer um método teológico que tivesse autonomia e que não fosse reduzido a ênfase iluminista centrada no sujeito humano.

Nesse contexto, na Alemanha, os impactos e a disseminação de diversas perspectivas filosóficas e teológicas originaram a Teologia Liberal⁶. Immanuel Kant (1724-1804), através do livro *A Religião nos limites da simples razão*, de 1793, contribuiu significativamente para lançar as bases teóricas do liberalismo. Seu conceito de ética absoluta condicionou a religião à moral racional. Schleiermacher, nessa ocasião, teve que lidar com as categorias kantianas e com a ideia de que a religião não se fundava na revelação particular, pois ela é natural, contingente e histórica. Em certa medida, o programa liberal havia esvaziado o conceito de religião dos seus atributos metafísicos. Na verdade, Kant lançou mão de fundamentos morais, como ponto de congruência para uma religião universal possível. Nesse sentido, o imperativo categórico é uma instância universalmente conhecida. O conceito de Deus é instituído na razão como postulado para a execução da lei moral:

Visto que toda a religião consiste em olharmos Deus, em relação a todos os nossos deveres, como o legislador que há de ser universalmente venerado, importa, na determinação da religião em vista da nossa conduta a ela conforme, saber como é que Deus quer ser venerado (e obedecido). – Mas uma vontade divina legisladora ordena ou mediante uma lei que é em si meramente estatutária, ou por meio de uma lei puramente moral. Quanto à última, cada um pode conhecer por si mesmo, graças à sua própria razão, a vontade de Deus que está na base da sua religião; de fato, o conceito da divindade promana, em rigor, apenas da consciência desta lei se da necessidade racional de aceitar um poder que lhes pode proporcionar todo o efeito possível num mundo, efeito consonante como fim último moral (KANT, 1992, p. 109).

⁶ Corrente teológica que influenciou de maneira contundente o protestantismo tradicional do século XIX. Os deístas ingleses do século XVII e XVIII, foram os principais referenciais teóricos dos primeiros liberais. Podemos aglutinar a essa lista os deístas do iluminismo francês, como Voltaire e Jean-Jacques Rousseau e nomes de grandes filósofos como Kant, dentre outros. Segundo Battista Mondim, “O protestantismo liberal, isto é, a teologia protestante do século XIX, inspira-se em dois princípios aparentemente contraditórios de Kant: a) a remoção da religião da esfera especulativa; b) a redução do cristianismo aos limites da razão. Partindo desses princípios, Schleiermacher, Hegel, Feuerbach, Nietzsche, Strauss, Baur, Ritschl e Harnack tendem para a secularização total do Cristianismo, alcançando tal meta por ambos os caminhos traçados pelos racionalistas, o filosófico (os quatro primeiros) e o histórico-filológico (os quatro últimos)” (MONDIM, 2003, p. 24). Acerca da acusação que Mondim faz de que Schleiermacher tende “para a secularização total”, é motivo de controvérsias que discutiremos em outros trabalhos.

Quando verificamos a relação que Kant faz da origem da religião com o conceito de Deus, fica evidente que a doutrina moral é antecessora. No entanto, ele não exclui a realidade ontológica de Deus que estimula a ação moral na instância numênica. Por outro lado, para Schleiermacher a religião não é resultado de uma mistura de elementos históricos contingentes. A religião é uma faculdade interior presente na essência do sujeito humano:

Situai-vos no ponto de vista mais elevado da metafísica e da moral; constatareis que ambas o mesmo objeto que a religião, a saber, o Universo e a relação do homem com ele. Esta igualdade tem sido desde há muito tempo a causa de múltiplas confusões; daí que a metafísica e a moral também penetrado maciçamente na religião e que muito do que pertence à religião se tenha ocultado, sob uma forma inapropriada, na metafísica ou na moral (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 29).

A tradição definiu ou reduziu a religião simplesmente ao campo dogmático-especulativo e a partir da determinação moral. Schleiermacher compreendia que religião não deve ser o ato de pensar, tampouco de agir. A religião é intuição e sentimento, conforme veremos nessa pesquisa. É por esta razão que a contemplação piedosa é a consciência imediata da existência universal de todas as coisas finitas, ou seja, no Infinito e mediante ele, e de todas as coisas temporais no Eterno e mediante ele. Segundo Schleiermacher, o Universo unifica as faculdades do homem. Para ele, os conceitos de moral e metafísica assinalam disposições do espírito:

Eu vos pergunto, portanto que tarefa desempenha vossa metafísica ou – se não quereis saber nada do nome obsoleto, que vos é denominado histórico – vossa filosofia transcendental? Ela classifica o universo e o divide em tais e quais seres, investiga as causas do que existe e deduz a necessidade do real, ela extrai de si mesma a realidade do mundo e suas leis? A religião não deve portanto, aventura-se nesta região; ela há de recusar a tendência de estabelecer seres e a determinar naturezas, a perder-se em uma infinidade de razões e deduções, a investigar as últimas causas e a formular verdades eternas. E que tarefa desempenha a moral? Ela desenvolve a partir da natureza do homem de sua relação com o universo um sistema de deveres, ela prescreve e proíbe ações com um poder ilimitado. Por conseguinte, a religião tão pouco tem de intentar isto: não deve servi-se do universo para deduzir deveres ela não deve conter nenhum código de leis (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 29).

Nesse sentido, a religião não nega à física e nem a psicologia, pois ela é totalmente natural; porém, como produto natural do Universo, é inteiramente gratuita. Seu propósito não é desvendar as convicções, esperanças, normas, usos e costumes

que são resultados das diversas formas de religião e de religiosidade, mas descobrir a função psíquica que é desdobrada na atitude religiosa. Essa função religiosa não reside no conhecimento, tampouco na vontade, mas num terceiro termo, que existe juntamente com o conhecimento, ou a autoconsciência imediata. A implicação kantiana nesse debate repousa no fato de que não há um desenvolvimento de proposições mais robustas para fundamentar a existência de Deus como um ser pessoal fora do sujeito humano. Assim sendo, a moral é a condição de possibilidade que conduz à religião:

A moral conduz, pois, inevitavelmente à religião, pela qual se estende, fora do homem, à ideia de um legislador moral poderoso, em cuja vontade é fim último (da criação do mundo) o que ao mesmo tempo pode e deve ser o fim último do homem. (KANT, 1992, p. 14).

Schleiermacher tece algumas críticas ao sistema ético kantiano, principalmente no que diz respeito à premissa da liberdade transcendental. Para Kant, a liberdade é uma instância da razão pura e especulativa. A ação humana, ou seja, o exercício da volição, é possibilitado pelas leis morais que, por sua vez, são universais. Por outro lado, Schleiermacher considera que as ações humanas se originam de uma complexa constelação de motivos e caráter, que culminam no momento de decisão para determinar o que o sujeito escolherá fazer. Se o agir dos sujeitos humanos é um problema, então as investigações devem partir do campo fenomênico, e não da postulação do âmbito numênico⁷. Schleiermacher oferece uma alternativa à ética kantiana estabelecendo a tensão entre racionalidade e sensibilidade. H. R. Mackintosh, aludindo a essa questão, diz algo importante sobre os posicionamentos

⁷ Para Kant, o processo de aprendizado ocorre por meio do aparelho corporal. No entanto, existem coisas com as quais esse aparelho não consegue lidar. Nesse sentido, existem experiências que não são experimentadas pelos sujeitos humanos. O aparelho humano é limitado. Há coisas que existem e que serão sempre desconhecidas da humanidade. Podemos sintetizar dizendo que: o modo de conhecer é limitado. Para Kant, a soma de tudo o que existe – incluindo Deus, almas imortais, dentre outras coisas – só pode ser conhecida em parte. Outro elemento importante para Kant é que não se deve confundir a representação da coisa com a coisa em si. Sons, visões e outras coisas, não são objetos externos, mas representações desses objetos. Eles existem no aparelho humano que é dotado de afecções capazes de apreendê-los. Existe o universo das coisas tal como nos aparecem – “mundo dos fenômenos” e existe o universo das coisas tal como são em si mesma – “mundo numênico”. Este subsiste para além da nossa capacidade de registrar as coisas. Veja o que Kant disse: “Chamo transcendental a todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objetos, que do nosso modo de os conhecer, na medida em que este deve ser possível *a priori*” (Kant, 2013, p. 53). Veja ainda: “Denomina-se *a priori* esse conhecimento [independente da experiência] e distingue-se do *empírico*, cuja origem é *a posteriori*, ou seja, na experiência” (Kant, 2013, p. 37).

éticos de Schleiermacher e como ele se opôs, na obra os *Solilóquios*, ao sistema kantiano:

O autor rebela-se contra a ideia kantiana do imperativo categórico, a qual não faz justiça a nobreza do homem. Em moral, não é tanto a questão de receber como de produzir, e isso munidos de nossos próprios recursos. A moral, disse ele, não deve funcionar analogamente às leis públicas do estado, mas à semelhança das leis da natureza. Seu caráter será orgânico e não jurídico. Assim, Schleiermacher não oferece, de fato, mais que uma interpretação antropológica da vida moral. Suas normas são teológicas e estéticas, e não propriamente éticas (HUGH, 2002, p. 47).

Diante dessas questões, Schleiermacher buscou estabelecer um caminho metodológico que pudesse servir de fundamento para a teologia e a religião, a saber: a experiência. Segundo o professor Luís H. Dreher, um conjunto de problemas o levou a adotar a experiência como o único parâmetro digno de relevância. O primeiro problema, nesse sentido, estava ligado a fisionomia e a tarefa da Teologia enquanto campo do saber, que precisava se distinguir da Filosofia prática e da Filosofia Teórica. O segundo problema diz respeito aos impactos do secularismo, fruto do Iluminismo, na cultura:

Tal é o caso se consideramos a medida com o que nosso teólogo percebeu a experiência religiosa como a única ferramenta capaz de reverter o resultado de um processo ao longo do qual foi tomando-se visível o *caráter problemático da religião e/ou fé* num período posterior ao iluminismo. Este não havia definido a religião e fé como categorias experienciais e intrinsecamente associadas à vida do “sujeito”, mas sobretudo como categorias que inevitavelmente implicavam assentimento não-razoável e não-autônomo a uma autoridade exterior, representada pelas formas da tradição da Igreja, do dogma e da Escritura (DREHER, 1995, p. 48).

Schleiermacher compartilhou com os primeiros românticos as origens da religião em uma visão avessa à linguagem sistêmica das filosofias fundacionais. Portanto, sua preocupação era a de não encerrar a religião exclusivamente em um mero conceito, pois o romantismo consiste no interesse pelo singular e pelo Todo, que é pontuado na experiência e indicado na linguagem, estabelecendo uma relação que escapa ao conhecimento sistemático. Na próxima seção, veremos alguns princípios apologéticos da religião Schleiermacheriana.

A concepção organicista do jogo contínuo de forças opostas

O objetivo de Schleiermacher é teológico-filosófico, colocando o futuro da religião em primazia. De fato, ele tenta assegurar um lugar para a religião. Na obra *Sobre a religião*, Schleiermacher apresenta um esboço denso das suas principais premissas. A natureza do problema abordado diz respeito à ruptura que ele estabelece com a ideia de que a religião seria uma dimensão ou da razão (conhecimento) ou da moral (moralidade). Podemos acrescentar que os *Discursos* denunciam o dualismo entre religião e metafísica, Infinito e finito. Nesse sentido, somente a religião reuniria as condições para encerrar esta dualidade e reconciliar todos os opostos no interior do indivíduo. Schleiermacher demonstra que as críticas dos seus interlocutores não eram incompatíveis com a essência da religião como eles pressupunham.

Assim sendo, Schleiermacher buscou levar suas premissas fundamentais a homens cultos e esclarecidos, no sentido de que a religião deveria ser considerada como esfera autônoma ou conceitualmente discernível.

Que a religião surja por si mesma do interior de cada melhor alma, que a ela pertence uma província própria na alma, na que impera de um modo ilimitado; que ela seja digna de mover, mediante sua força interna, os espíritos mais nobres e mais excelentes e de ser conhecida por estes segundo sua essência mais íntima: tal é o que eu afirmo e o que prazerosamente quero assegurar, e a vós compete agora decidir, se valerá apenas escutar-me, antes de que vos confirmeis, todavia mas, em vosso desprezo (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 26).

Uma parte dos *menosprezadores eruditos* eram os próprios companheiros de Schleiermacher no círculo romântico. Estes eram simpatizantes da ideia do Todo-Uno de base espinozana e desprezavam a religião conforme propunha a igreja. A pergunta-problema que será objeto da nossa investigação é: qual é o caráter unificado da religião? Para responder essa questão, devemos analisar a concepção *organicista do jogo contínuo de forças opostas*. Essa discussão, que foi exposta no primeiro discurso, salienta que as forças opostas não devem se unir com o objetivo de alcançar um equilíbrio estático.

Para Schleiermacher, essas forças devem ser mediadas para que cada polo se manifeste integralmente. A divindade manifesta suas intenções que são percebidas na individualidade a partir de forças opostas e tem como objetivo fazer com que cada

polo se exerça eternamente dentro de uma configuração. Essa experiência só é possível na vida que é marcada por esse jogo contínuo de forças opostas e representa uma lei imutável da divindade. Schleiermacher expõe que o Todo se expressa continuamente em múltiplas partes. Em toda sua contingência, a vida funde dois elementos diversos, que possuem cada um à sua singularidade, opostos um ao outro, mas que são reciprocamente dependentes:

Vós sabeis que a divindade tem imposto à si mesma, mediante uma lei imutável, separar até o infinito sua grande obra, conjugar cada existência determinada tão só a partir das forças opostas, realizar cada um de seus pensamentos eternos através das configurações gêmeas, inimigas entre si e, todavia, inseparáveis e consistentes entre si. Todo este mundo material, respectivamente ao que a suprema meta de vossa investigação consiste penetrar, em seu interior, se lhes apresenta, aos mais instruídos e reflexivos de vós, só como um jogo de forças opostas que prossegue eternamente. Toda forma de vida não é mais do que uma apropriação e recusa constantes: toda coisa só possui sua existência determinada mediante o fato de unir e manter de um modo peculiar, as duas forças primárias da natureza, a ávida atração sobre si e a ativa e viva auto-expansão. (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 9).

Cada alma humana é composta pela lei da atração e da repulsão. Um polo quer atrair tudo em seu entorno para a afirmação da sua singularidade em busca da satisfação. Esse polo se contenta com o máximo de particularidades. O outro polo quer ampliar o seu ser exteriorizando-se, desprezando o prazer e buscando sempre uma atividade sublime e, desta maneira, direciona-se ao Infinito. A metáfora do orgânico tornou-se a maior metáfora para os românticos. O traço distintivo da concepção orgânica é o desejo de compreender cada fenômeno como um todo⁸. Para Schleiermacher, a beleza da vida se dá na riqueza de combinações possíveis que efetivamente existem na humanidade:

⁸ Sobre essa discussão, vale ressaltar o que diz Victor Gomes da Silva: “Visto que todas as coisas – orgânicas e inorgânicas, materiais e intelectuais, são diferentes combinações das mesmas forças opostas, qual seria a diferença entre os homens e os animais? A diferença, primeiro, refere-se ao grau no qual as duas forças se mostram presentes nos animais e nos homens; e, segundo, a forma em que cada um se une às duas forças. Nos animais a oposição das forças é de tipo passivo, uma vez que eles são mais dependentes das duas forças dentro de si. Nos homens ela é de um tipo ativo, ou seja, a oposição exige que os homens se determinem de alguma forma e em algum grau específico. Vejamos, por exemplo, a relação entre uma pedra e um vegetal. O que os distingue não é o fato de que a pedra é uma matéria orgânica morta e o vegetal um organismo vivo, mas sim as formas diferentes nas quais as duas forças então conjugadas dentro de cada elemento” (2017, p. 35).

Toda alma humana – tanto suas ações passageiras como as peculiaridades internas de sua existência nos conduzem a esta constatação – não é mais do que um produto de impulsos opostos. Um destes impulsos consiste na tendência de atrair sobre si tudo o que o rodeia, a implicá-lo em sua própria vida e onde isto seja possível, a absorvê-lo completamente em seu ser mais íntimo. O outro consiste no desejo de dilatar cada vez mais, de dentro para fora, seu próprio si mesmo interno, de penetrá-lo completamente com isto, de comunicar a todos, sem nunca esgotar-se a si mesmo (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 10).

Schleiermacher afirma que os extremos são deficientes. Aquele que permanece no mundo somente envolto em particularidades (imediatidade) nunca ultrapassará a consciência do individual. Já aquele que somente busca o Todo (transcendência) perderá as diferenças e particularidades do mundo, pois se encontra circundado por meros ideais abstratos. A vida humana é marcada por um fundamento que encontra e une os opostos. Este fundamento não é definido por um ponto de vista estritamente conceitual. Ele atua como uma espécie de pressentimento de que há uma unidade percebida através da perspectiva que parte de uma posição singular no Todo.

Esta posição específica se dá sempre no meio de dois extremos, não podendo dominá-los. Existe um dinâmico jogo mútuo entre o eu e o mundo, entre universalidade e particularidade, entre unidade e caos. Os seres humanos estão ancorados no meio, inaptos para agarrar firmemente a cada polo ou para emergir acima das polaridades para ver e entender a origem e o objetivo de todas as coisas. Existe uma oposição, um conflito irreconciliável entre os opostos. Nesse caso, para Schleiermacher, é a religião que acompanha o homem em sua tentativa de harmonizar as oposições.

Universo, sentimento e intuição

Podemos elencar outros elementos de vital relevância para compreendermos a essência da religião em Schleiermacher: daremos destaque agora para os seus conceitos de *Universo*, *sentimento* e *intuição*. Nesses casos, a religião não pode ser tratada a partir das máximas morais, tampouco deve ser reduzida aos conceitos metafísicos. A religião não aparece no mundo em sua forma pura e sem os elementos externos à sua natureza. Para ver aquilo que não é possível indicar diretamente, é necessário utilizar a imaginação. A metafísica, a religião e a moral possuem o mesmo objeto de referência: o Universo.

Nesse sentido, a religião não pode ser invadida pela metafísica e nem pela moral, pois deve ser compreendida mediante os seus próprios instrumentos. Portanto, é preciso isolar a religião da moral e da metafísica e garantir sua essência. Análises transcendentais do homem em geral foram contraditas pela compreensão do evento religioso que toca o interior do sujeito humano. Em seu enunciado, Schleiermacher apresenta a ideia romântica e sentimental da religião e indica como a mesma encontra seu lugar na vida humana. Portanto, religião não é meramente ciência, tampouco moralidade. Sua sede não se verifica nos âmbitos da razão e da consciência, tampouco na vontade. Religião é contato com o divino e, nesse sentido, sua sede só pode estar no sentimento.⁹

O Universo Infinito proporciona oportunidades para o indivíduo intuir suas ações no finito, ou seja, as ações do sujeito devem estar condicionadas ao finito. Segundo Schleiermacher (2000, p. 74), “Na religião é intuído o Universo, é concebido como atuando originariamente sobre o homem”, portanto, não há metafísica, pois o intuído é a ação constante do Universo sobre a sua individualidade. O conceito de Universo está relacionado com a *intuição* e os *sentimentos*: âmbito de relação existencial entre indivíduo e Universo em um nível pré-reflexivo. Vejamos a relevância dessa premissa para Schleiermacher:

À intuição do Universo, vos rogo que vos familiarizeis com este conceito, constitui o gongo de todo o meu discurso, constitui a fórmula mais universal e elevada da religião, a partir da qual podeis localizar qualquer lugar na mesma, da qual se podem determinar da forma mais precisa sua essência e seus limites (SCHLEIERMACHER 2000, p. 36).

A intuição é o fundamento principal da religião, ela é o critério pelo qual a definição de religião encontra o seu valor e seus limites¹⁰. A partir da intuição o

⁹ Sobre essa discussão vale ressaltar o que o professor Dreher diz acerca das prerrogativas da intuição. É interessante que o intuir tem com mola propulsora o lampejo que é juntado, depois de apropriado e resvalado na natureza. Por esta razão, a intuição não pode ser objetivamente apropriada pelo conhecimento. A Intuição é uma condição de possibilidade de ser rebuscado pelo Universo (2016, p. 8).

¹⁰ É importante notar que à ideia de que o conhecimento, como a instância objetiva capaz de se apropriar da dimensão religiosa, é criticada por Schleiermacher que sustenta a proposição fundamental de que a religião é infinita e preenche tudo. Preenche todas as variáveis finitas: “Todavia, a religião é infinita a partir de todos os lados, um infinito da matéria e da forma, isto é, a religião não só lida com o Infinito, mas há infinitas possibilidades de intuições do Universo (Schleiermacher, 1970, p. 35).

indivíduo capta, manifesta um novo olhar diante da manifestação do Infinito no finito¹¹. O Universo está sempre se oferecendo ao intuir individual. A intuição é um impacto da revelação do Universo que o indivíduo percebe sobre ele e, não somente isto, a intuição refere-se a um ser-afetado pelo Universo em seus influxos tanto quanto uma resposta sentimental. Conforme alusão de Schleiermacher, podemos perceber que:

Todo intuir parte de um influxo do intuído sobre o que intui, de uma ação originária e independente do primeiro, que depois é assumida, recompilada e compreendida pelo segundo de uma forma acorde com sua natureza. Se as irradiações da luz não alcançam vosso órgão – o que ocorre completamente à margem de iniciativa – se as partes mínimas dos corpos não afetassem mecânica ou quimicamente as pontas de vossos dedos, se a pressão da gravidade não pusesse de manifesto uma resistência e um limite de vossa força, não intuirias nem perceberias nada, e portanto, o que intuis e percebeis não é a natureza das coisas, mas antes sua ação sobre vós (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 36).

O sentimento (*Gefuhl*) é uma atitude de abertura do indivíduo no intuído a fim de apreender o revelar do Universo. Não é o sentir empírico, pois não é uma mera sensação, mas um sentir de ordem espiritual. O sentimento se dá no instante em que o sujeito humano se torna consciente da ação do Universo sobre ele. Isso tem desdobramentos na consciência individual da pessoa. Essa modificação, no sujeito, Schleiermacher denomina de sentimento. Portanto, sentimento seria o consentir da atividade do Infinito presente no finito, é o ato original do espírito humano em si. Intuição e sentimento expressam dois momentos: o primeiro é o espanto passivo perante o Infinito e o outro é o agir penetrado pela religião. As intuições tendem a se expressar em fórmulas e os sentimentos tendem a se expressar na vida.

Para Schleiermacher, era preciso investigar a natureza do homem para encontrar o ponto em que Deus entra em contato com ele. A pergunta sobre o que é religião, não é histórica, mas psicológica. Cada atividade essencial da mente requer uma faculdade da qual surge e sobre a qual se baseia a religião. Essa faculdade é por ele denominada de sentimento. Em outras palavras, a religião não é pelo infinito. Por outro lado, o *Gefuhl* (sentimento) não deve ser entendido como mera emoção. Na

¹¹ Corroborando com essa discussão acerca da relação entre intuição e religião, vale ressaltar o que menciona Oliveira: “Um sistema de intuições teria que necessariamente deixar alguma intuição de fora, a fim de evitar contradições internas. Porém, as intuições podem e devem viver lado a lado, ainda que cada uma seja totalmente diversa das outras. Este é o significado de individualidade. Cada intuição é uma e, ao mesmo tempo, revela um aspecto do todo” (OLIVEIRA, 2011, p. 151).

realidade, é pela “consciência de Deus” que o homem possui o senso interior profundo de que existe numa relação de absoluta dependência de Deus. Esse é o centro da religião e piedade.

Schleiermacher define a religião como algo que move a alma de uma maneira peculiar, pois ela remove todas as prerrogativas da alma humana e dissolve toda atividade em uma intuição espantosa do Infinito. O recado para os desprezadores eruditos consistia no fato de que a religião não se encontrava na frieza sistemática. Esses eruditos precisavam abandonar a ideia de pensar o conceito de religião de forma global. Eles deveriam dar ouvidos para as particularidades das intuições. Podemos observar nas palavras de Schleiermacher:

Rechaçais os dogmas e as proposições da religião? Muito bem, rechaçai-os. Em todo caso, não são eles a essência da religião. A religião necessita deles. Só a reflexão humana acerca do conteúdo de nossos sentimentos religiosos requer tais dogmas e lhes dão origem. Dizeis que não podeis contentar-vos com milagres, revelação e inspiração? Tendes razão. Já não somos crianças. O tempo dos contos de fada já passou. Simplesmente abandonem a fé em todas essas coisas e eu vos mostrarei milagres, revelações e inspirações de outra e mui distinta classe. Para mim, tudo o que guarda relação imediata com o Infinito, com o Universo, é um milagre. E toda coisa finita guarda tal relação, portanto, encontro nela um sinal do infinito (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 68).

O caráter direto e imediato do sentimento tem como característica a piedade que, por sua vez, é independente do conhecimento e da moralidade. A religião pode tomar forma de contemplação, e seus sentidos estão abertos à vida do mundo. Na primeira edição dos *Discursos*, ele pontua que a alma passa por uma experiência acabada. Nesse trecho ele sublinha a “intuição” e o “sentimento”, que são respectivamente a condição de possibilidade da religião. Portanto, a metafísica consiste no pensamento e a moral na razão, mas a religião consiste na intuição e no sentimento.

Intuição é a percepção direta do objeto que se apresenta à mente. O sentimento, por sua vez, pode ser assinalado como a mudança no estado interior do sujeito. A causa desse sentimento é o Universo e o Divino, mas o que se sente é a afeição ou modificação da alma. Não se trata aqui de subjetivismo psicológico. A concepção de sentimento diz respeito ao modo de apreensão objetivo, uma classe de percepção emocional das coisas espirituais, a partir da qual, então, Deus se apresenta diante da alma em sua casualidade real e infinita:

Finalmente, para completar a imagem da religião, recordemos que cada intuição está, segundo sua natureza, unida com um sentimento. Vossos órgãos servem de mediadores com respeito a conexão entre objeto e vós; o mesmo influxo do objeto, que vos revela sua existência, deve estimular-vos de múltiplas maneiras e provocar uma mutação em vossa consciência interna (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 42).

Percebemos no texto citado que a reflexão dissipa a unidade que havia entre a intuição e o sentimento. Esse momento é denominado de *Faktum* (fato). É no fato que se legitima a veracidade da experiência religiosa como parte fundamental da atividade do ânimo. Nele temos o casamento entre o “infinito com o finito”, a consciência do “infinito e do todo”, a hora do nascimento de tudo o que é “vivo na religião”. Esse fato é um ponto que instaura a indiferença que nem mesmo a reflexão tem competência para restabelecer. O momento indiferenciado constitui uma relação incondicionada entre o homem e o universo.

Porém uma reflexão necessária os separa a ambos. E quem pode falar de qualquer coisa que pertença à consciência sem passar primeiramente através deste meio? Não só quando comunicamos uma ação interna da alma, também quando nos limitamos convertê-la em matéria de consideração e elevá-la ao nível da consciência clara, se produz imediatamente esta separação inevitável: o fato (*Faktum*) se mescla com a consciência originária de nossa dupla atividade, da dominante e que atua para fora, e da meramente delineadora e imitadora, e que parece estar melhor ao serviço das coisas, e imediatamente a produzir-se este contato a matéria mais simples se decompõe em dois elementos opostos: os unos se conjugam para formar a imagem de um objeto; os outros, se abrem caminho até o centro de nosso ser, entram ali em efervescência com nossos impulsos primordiais e dão origem a um sentimento passageiro (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 45).

Portanto, podemos concluir que a intuição é o ânimo e encontra-se de maneira receptiva e passiva, ou seja, a intuição é a atividade que corresponde ao ânimo passivo-produtivo que opera expansivamente; assim sendo, seu resultado é a reformulação das representações do Universo. O sentimento pode ser analisado como a espontaneidade, no sentido de ser uma atividade interna, uma reação às imagens do Universo que são reproduzidas pela intuição. O sentimento também se expressa fisiologicamente e produz estímulos. A intuição atualiza o Universo a partir das imagens de modo plástico e peculiariza uma religião individual fomentando imagens do Universo. O sentimento atualiza o sensível e estabelece a intensidade de sua religiosidade. E, por fim, o Universo não pode ser objeto de uma experiência cognitiva possível.

Considerações Finais

Por fim, podemos mencionar que, para Schleiermacher, a religião não é metafísica e nem moral: a religião quer intuir e ouvir o Universo. As metafísicas, bem como a moral observam, no Universo, a humanidade como o seu único centro. A religião quer ver o Infinito, quer permitir que suas revelações lhe toquem. A religião é a província da alma humana. Somente ela pode indicar o caminho ao Infinito, pois a especulação (conceitos abstratos) e a ação (máximas vazias) não possuem essa prerrogativa. As atividades da alma humana não podem ser analisadas pela moral e pela metafísica como estruturas estanques e sem relação com algo supremo.

A religião é o símbolo do Universo, ou seja, ela manifesta a individualidade e a multiplicidade. Universo, intuição e sentimento são os elementos que definem a essência da religião. O Universo manifesta-se o tempo todo, enquanto o indivíduo é possuído por uma intuição pré-reflexiva e, através do sentimento, age, penetrado pela religião, no mundo externo. Essa função que faz do indivíduo um receptáculo da religião é possível por conta da autoconsciência imediata. Existem dois tipos de autoconsciência: mediata – capacidade de representação (*vorstellung*) – e imediata – corresponde ao sentimento (*Gefühl*).

Referências

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da História**. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo. Petrópolis: Vozes, 2011.

DREHER, Luís H. **O Método teológico de Friedrich Schleiermacher**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

DREHER, Luís H. Subjetividade, Religiosidade e interesse filosófico: aportes perenes da obra de Friedrich D. E. Schleiermacher. **Revista Ética e Filosofia Política**. v. I, n. XIX, jun./2016.

GUINSBURG, Jacob. Romantismo, Historicismo e História. In: GUINSBURG, Jacob. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

HUGH R. Mackintosh. **Teologia Moderna: de Schleiermacher a Bultmann**. Tradução de Deuber de Souza Calaça. Itapetininga: Novo Século, 2002.

KANT, Immanuel. **A Religião nos Limites da Simples Razão**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemus. O Dilema do método histórico-crítico na Interpretação Bíblica. **Fides Reformata**. São Paulo, ano X, n. 1, p. 115-138, 2005.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Tradução de José Fernandes. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

OLIVEIRA, D.S.; ABREU, F.H.P.; SILVA, F.G. O primado da experiência e a intencionalidade da consciência: Friedrich Schleiermacher e a fenomenologia da religião. **Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p.18-32, 2010.

PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina**: a doutrina cristã e a cultura moderna (desde 1700). Volume 5. Tradução de Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

SAWYER, M. James. **Uma introdução à teologia**: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. Tradução de Estevan F. Kirschner. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SILVA, Victor Gomes. **Deus enquanto conexão entre religião e filosofia em Friedrich D. E Schleiermacher**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2017.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. F. **Sobre a religião**: Discursos a seus menosprezadores eruditos. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. F. **Über die Religion**: Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern. Hamburg: Verlag von Felix Meiner, 1970.

Artigo recebido em: 09/09/2021.

Artigo aprovado em: 26/11/2021.